



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 3, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 3 - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.03.40>

Recebido em: **07/08/2020**

Aprovado em: **09/08/2020**

EDUCAÇÃO, ESCOLA E PROFESSORES: O LUGAR DA FAMÍLIA EM TEMPOS DE
DISTANCIAMENTO SOCIAL; EDUCATION, SCHOOL AND TEACHERS: THE FAMILY'S
PLACE IN TIMES OF SOCIAL DISTANCING; EDUCACIÓN, ESCUELA Y
PROFESORES: EL LUGAR DE LA FAMILIA EN TIEMPOS DE AISLAMIENTO SOCIAL

NAY BRUNIO BORGES

[0000-0001-5792-6558](https://doi.org/10.29380/2020.14.03.40)

ANA PAULA ARANTES DA SILVA

[0000-0003-4349-8761](https://doi.org/10.29380/2020.14.03.40)

YONARA KAROLLINY PLACIDO CINTRA

[0000-0003-4636-9930](https://doi.org/10.29380/2020.14.03.40)

Resumo

Frente a importância da formação continuada, a necessidade de aporte teórico e a estima pela pesquisa para reflexão ação, acerca da melhoria da educação, como integrantes do Grupo GEFOPÍ (Grupo de estudos em formação de professores e interdisciplinaridade) discute-se as relações e discrepâncias entre Educação, escola e professores, considera-se o papel da família frente ao distanciamento social, medida utilizada para o enfrentamento da Pandemia. Por meio de estudo de caso e subsidiado por revisão bibliográfica em autores tais como: Colli e Luna (2019); Andrade (2017); Dias e Pinto (2019); Aranha (1996), etc, bem como em marcos legais: CF/88, BNCC e LDB 9394/96. O texto apresenta sugestões e percepções referentes à prática educativa remota, discorre-se sobre algumas ressignificações no processo do ensino com base em uma Escola Pública Municipal, do Estado de Goiás.

Palavras chave: Educação. Família. Formação. Tecnologia. Pandemia.

Resume

In view of the importance of continuing education, the need for theoretical support and the esteem for research to reflect on action, about improving education, as members of the GEFOPÍ Group (Group of studies in teacher training and interdisciplinarity), relations and discrepancies are discussed. between education, school and teachers, the role of the family in the face of social distance is considered, a measure used to face Pandemic. Through a case study and supported by a bibliographic review on authors such as: Colli and Luna (2019); Andrade (2017); Dias and Pinto (2019); Aranha (1996), etc., as well as in legal frameworks: CF / 88, BNCC and LDB 9394/96. The text presents suggestions and perceptions regarding the remote educational practice, it discusses some resignifications in the teaching process based on a Municipal Public School, in the State of Goiás.

Keywords: Education. Family. Formation. Technology. Pandemic.

Resumen

En vista de la importancia de la educación continua, se discuten la necesidad de apoyo teórico y la estima de la investigación para reflexionar sobre la acción, sobre la mejora de la educación, como miembros del Grupo GEFOPÍ (Grupo de estudios en capacitación docente e interdisciplinarietà), relaciones y discrepancias. entre educación, escuela y docentes, se considera el papel de la familia frente a la distancia social, una medida utilizada para enfrentar la pandemia. A través de un estudio de caso y respaldado por una revisión bibliográfica sobre autores como: Colli y Luna (2019); Andrade (2017); Dias y Pinto (2019); Aranha (1996), etc., así como en los marcos legales: CF / 88, BNCC y LDB 9394/96. El texto presenta sugerencias y percepciones sobre la práctica educativa remota, discute algunas ressignificaciones en el proceso de enseñanza basado en una escuela pública municipal, en el estado de Goiás.

Palabras clave: Educación. Familia. Formación. Tecnología. Pandemia.

Pensar sobre o cenário educacional, nos faz refletir acerca da educação em si, do seu significado, bem como as suas transformações no decorrer dos séculos, os problemas enfrentados para o seu desenvolvimento e nas suas relações sociais. De acordo com o dicionário educação é o ato de educar, de instruir, é a polidez e disciplinamento.

Dentro desse cenário educacional é que os valores, hábitos e costumes de uma comunidade serão transferidos para a geração seguinte, pois a educação irá se formar de acordo com as experiências vivenciadas pelo indivíduo no decorrer da sua vida. Silva e Souza (2014) colaborando com Brandão (1981) apontam que, ela é um fragmento dos grupos sociais, no qual, os participantes a criam e recriam, junto com outros componentes de sua cultura. Pondera-se que ela ocorre em qualquer lugar, não está restrito a escola como o ensino, pois este ocorre em geral, somente no âmbito escolar.

Destacam também que “são formas de saberes que atravessam as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos das artes ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para se reinventar, todos os dias”. (Silva e Souza, 2014, p.524). Paulo Freire (2001) avalia que a prática educativa é também social, como outras áreas: religião, trabalho e ciência.

Dias e Pinto (2019, p.449) salientam que:

A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa certa concepção de mundo, concepção esta que estabelece os fins a serem atingidos pelo processo educativo em concordância com as ideias dominantes numa dada sociedade. A educação não pode ser entendida de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas, sim, como uma prática social, situada historicamente, numa determinada realidade.

De modo geral ela é inerente ao ser humano, no qual os conhecimentos e habilidades são transferidos para as crianças, jovens e adultos, e tem como objetivo desenvolver o raciocínio dos sujeitos, instigar a pensar sobre os problemas enfrentados, auxiliar no crescimento intelectual e na formação plena do educando.

Bem como seu conceito, ela também foi aprimorada em diferentes concepções no que se refere ao ensino dentro das instituições escolares, assim como os anseios no seu desenvolvimento para aquisição de conhecimentos e ascensão social das camadas menos favorecidas.

A educação desde a sua instituição na época do Brasil Colônia, enfrentou muitas transformações e gargalos. Infere-se que ela foi implantada de forma tardia, pois seguia um caráter elitista, em que as massas não foram contempladas e os primeiros indícios educacionais tinham como objetivo a colonização dos nativos.

No decorrer da história brasileira a educação em seu significado, sofreu muitas transformações, passando pelas primeiras instituições, regimes de governo, assim como a sua universalização para todas as camadas brasileiras, tornou-se depois de muitos embates, um direito de todos.

Alguns marcos históricos merecem ser citados, como a década de 1930, período importante para os educadores brasileiros, nessa época, no ano de 1932, Fernando de Azevedo e mais 26 educadores criaram o manifesto dos pioneiros da educação, de acordo com Aranha (1996, p.198) “o documento defende a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como um dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional”. Esse manifesto foi importante para a educação nacional, no entanto a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) demorou anos para ser promulgada, isso só aconteceu em 20 de dezembro de 1961, como a Lei nº 4024. Posteriormente houve o período da

ditadura militar no país, que foi de 1964-1985.

Na década de 80, após o fim da ditadura, foi promulgada a Constituição Federal de 1988, que rege todo o ordenamento jurídico brasileiro, a carta magna da nação, esta traz artigos sobre a educação, assim como prevê em seu texto o direito de todos a esse setor. Na década seguinte, no ano de 1996, foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, que norteia a educação no cenário atual, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da educação Paulo Renato, seu relator foi Darcy Ribeiro, escritor e político brasileiro.

A nova LDB 9394/96 veio depois de muitos anos de lutas, Alves (2009, p.79) pondera que “a LDB/96 está baseada no princípio do direito universal à educação, assim a Lei apresenta uma novidade em relação às leis anteriores, a inclusão da educação infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da educação básica”. Dessa forma, após inúmeras conquistas, surgiram no país, várias instituições de ensino nas quais, têm-se o ingresso de várias crianças e adolescentes, bem como adultos nas diferentes etapas da educação.

Pondera Dias e Pinto (2019, p.449) que “A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade”. O ato de educar é um processo constante da história e não será o mesmo em todos os tempos e lugares. E é, em sua essência um processo social. A pandemia verbalizou tal conceito ao modificar a estrutura da educação, os alunos deixaram de ir para as suas escolas e permaneceram em casa, tendo o apoio de seus familiares para o desenvolvimento escolar.

Características metodológicas do estudo

Embora dubiamente questionado, o estudo de caso permite aplicações variadas, podendo contribuir significativamente para que se possa conhecer fenômenos, grupos ou indivíduos. É preciso prezar por sua estruturação enquanto método de pesquisa. (ANDRADE, Selma Regina de *et al* 2017).

Pensar a pesquisa de modo qualitativo e quantitativo permite uma coleta de dados mais fidedigna, no entanto é desafiador, ao considerar tal método na área educacional “por exemplo, o estudo de caso pode ser utilizado como uma abordagem didática para problematizar uma situação a fim de aproximar a teoria e a prática.

Andrade (*et al* 2017, p. 2) salienta que:

A publicação de estudos com o uso do termo “caso”, dissociado do método científico, e de seus atributos correspondentes, provoca confusão e descrédito. O uso inadequado do termo, seja pela ausência de protocolo de pesquisa ou de critérios que justifiquem a escolha do método, leva a uma percepção errônea de sua aplicabilidade na investigação científica.

Essa ambiguidade ocasionada pela falta do rigor necessário ao método de pesquisa, deixa à mostra o quão necessário é justificar e identificar deixando claro os objetivos de uso de um determinado método.

A pesquisa pauta-se numa investigação integrada, subsidiada por revisão bibliográfica e estudo de caso, busca-se por meio desta, discorrer de modo sequencial sobre o método, revisão literária sob Educação, escola e professores, de modo a elencar marcos importantes, a fim de relacioná-los com o cenário atual e vislumbrar a discussão do papel da família junto a escola em tempos de pandemia.

Enfatiza-se que pesquisa bibliográfica vai além de delimitar o campo de pesquisa, é preciso antes pensar a estrutura, buscar materiais de modo selecionado, para proporcionar uma construção mais sólida do texto. Deste modo pesquisou-se por artigos, livros com renome e de boa circulação no campo da pesquisa educacional, procurou-se dar mais fluidez e seriedade ao estudo de caso.

Das expectativas as demandas

Refletir sobre o uso da tecnologia na educação, se faz necessário, uma vez que lida-se com nativos digitais, alunos que conhecem a tecnologia e sabem utilizá-la. Grande parte dos professores, encontra-se despreparada, uma vez que, o desafio é ensinar o aluno a aprender com ela. Principalmente nesse cenário de aulas remotas, onde a fragilidade na formação de professores frente às tecnologias foi escancarada.

Este problema é percebido dentro da própria instituição escolar. Trabalha-se com alunos que dominam as tecnologias do século XXI, todavia ainda se vê na organização, estrutura e aspectos pedagógicos da escola vestígios do tradicionalismo. Ao passo que, o ensino e a aprendizagem estão voltados para a reprodução e não para a construção, há resquícios da educação Liberal como afirma Ferreira (2019).

Com a pandemia as instituições escolares tiveram que modificar seus trabalhos em tempo recorde, o ensino presencial foi adaptado, ou pelo menos tentou-se fazê-lo. As tecnologias digitais passaram a ser estritamente necessárias nesse processo, e o celular tão desmerecido pela escola, tornou-se artefato ímpar para a aprendizagem. Ainda assim verificou-se a necessidade de suporte aos professores, visto que não basta a escola ter o recurso tecnológico é preciso que haja integração entre alunos, conteúdos, recursos digitais, família e professores.

Conforme Almeida (2003, p. 3),

[...] mudar o meio em que a educação e a comunicação entre alunos e professores se realizam traz mudanças ao ensino e à aprendizagem que precisam ser compreendidas ao tempo em que se analisam as potencialidades e limitações das tecnologias e linguagens empregadas para a mediação pedagógica e a aprendizagem dos alunos.

Considerar limitações tal como as potencialidades e fazer uma reflexão sobre elas permite ao professor rever as possibilidades de aprendizagem, assim como as dificuldades. É preciso repensar a parceria com alunos e responsáveis, criar caminhos, mediá-los e experimentar novas chances (ALMEIDA 2003). Esse cenário redefine o papel do professor, que conforme Cruz (2008, p. 5) está sendo severamente modificado,

A forma tradicional de conhecimento presente nas escolas centrava-se na figura do professor, sendo este tratado como o “dono do saber”. Hoje, percebemos mudanças nesse cenário. Na era da informação, o espaço de saber do docente foi dando lugar ao de mediador e problematizador do aprender: ele passou a ser visto como aquele que desafia os alunos, mostrando-lhes, entre as várias possibilidades de aprendizagem, caminhos que poderão ser percorridos.

Deste modo, o ato de educar deve ser visto como uma troca mútua entre professor, aluno e as tecnologias digitais consideradas pelo profissional da educação. Deixa cada vez mais claro a importância do ensino que foge às amarras tradicionais, voltando-se, à prática mais ativa. Esta que, propicia ao aluno participação dinâmica e lhe permite ser protagonista no seu processo de aprendizagem.

Diálogos e construção de conhecimento: estudo de caso

A pandemia pegou a todos de surpresa, isso não foi diferente no campo educacional. De modo severo ela revelou mais ainda os desníveis sociais do país, deixando a mostra um bocado de inconstâncias político, sociais e administrativas, que desvelam um cenário cada vez mais oscilado, para não dizer

desumano.

Frente a isso, a educação foi convidada a não parar, de acordo com o decreto nº 343 de 17 de março de 2020, que autoriza a substituição das aulas presenciais por aulas remotas, por meio de recursos digitais, enquanto durar a pandemia do novo coronavírus. Desta forma muitas escolas das redes públicas e privadas iniciaram o regime de aulas não presenciais. Utilizou-se de dispositivos eletrônicos para alcançar os alunos, para que eles não perdessem o ano letivo.

Todavia, é preciso considerar neste que, esse regime de aulas poderá atenuar as perdas, pois além de não suprir as aulas presenciais, nas quais os docentes desenvolvem didáticas e abordagens imediatas frente a dificuldade dos alunos, considerar-se que nem todos tem acesso a esse estilo educacional, o que aumentará em curto prazo os desníveis sociais do país. Entretanto, intenta-se neste texto apresentar além das reflexões, a leitores variados, contribuir criticamente sobre metodologias com professores e interessados.

Acerca dessas aulas far-se-á um recorte temporal para discorrer sobre um estudo de caso realizado em uma Escola Pública Municipal no interior de Goiás, com pais e responsáveis de alunos entre idades de 9, 10 e 11 anos, de classes média e baixa, bem como para discorrer sobre a didática e recursos utilizados no período do mês de junho de 2020.

O último mês do primeiro semestre foi um período de reflexão/ação, no qual a didática foi (re)pensada, buscou-se rever algumas práticas, pautando-se nas contribuições dos familiares dos alunos, estes que, tem grande parcela de cooperação para o bom andamento das aulas remotas, independente se são síncronas ou assíncronas. Conforme prevê Moreira, D & Barros, D. (2020) o espaço comunicativo no ambiente online pode ser classificado em assíncrona, quando ocorre de forma não sincronizada, sem a presença simultânea dos alunos; e síncrona, em que acontece a participação dos alunos ao mesmo tempo em um espaço físico ou online, permitindo a comunicação em tempo real entre si. Para tanto, seguem algumas explanações acerca das atividades desenvolvidas no mês em questão, mas salienta-se que, para as aulas acontecerem, fora necessário andar de mãos dadas com os responsáveis dos discentes.

O diálogo entre família e escola no geral foi exitoso. Às sextas-feiras, de modo quinzenal eram aplicados formulários(Google forms) com perguntas sobre as aulas, em algumas ocasiões isso foi feito por meio do grupo de *whatsapp*, neste modelo as perguntas eram postadas e os pais e /ou responsáveis realizavam as devolutivas, por mensagens escritas ou áudios.

É importante ressaltar que, essa abertura permitiu dinamizar mais as aulas e conseqüentemente obter maior participação dos pais e alunos. Como mencionado anteriormente, optou-se por aulas síncronas e assíncronas e no último questionário (modelo fechado, com uma questão aberta para sugestões e críticas) foi possível observar o quão necessário se faz permitir que os pais contribuam no processo de ensino aprendizagem participando de modo mais ativo.

Com a pandemia evidenciou-se a importância do elo família e escola, portanto permitir que a família faça parte do processo de aprendizagem do aluno é imprescindível e para isso é preciso considerar as realidades de cada família, promovendo, dessa maneira, práticas de integração entre família e escola. Pois,

(...) não levar em conta a heterogeneidade das famílias pode fazer das práticas de integração família-escola mais um elemento que ajude a perpetuar a desigualdade social no Brasil, em que as crianças mais prejudicadas são as que vivem em situação econômica e socialmente desfavorecida (COLLI, D., E LUNA, 2019, p.03)

Pensar essa é antes de tudo compreender que ambas são responsáveis pelo desenvolvimento do aluno, assim como disposto no Art 205 da CF/88 “A educação, direito de todos e dever do Estado e

da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Logo, como exposto acima é preciso dividir e considerar as responsabilidades frente ao processo educativo.

Para Oliveira e Araújo (2010, p.2) “A família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social.” É preciso considerar que família é um grupo social especial, é o berço primário da educação de crianças, o nível de intimidade e composição de suas relações as tornam únicas.

Cabe ao professor reconhecer essas variações e especificidades, considerá-las, respeitá-las, mas acima de tudo, propor ideias que contemplem a maioria delas, a fim de, trazê-las para o meio escolar, dar-lhes voz, meditar essa voz e usá-la de modo a favorecer a aprendizagem do aluno.

Salienta-se neste que, o objetivo do texto não é discorrer sobre as definições de família e/ou reconhecimento da mesma na sociedade, entretanto, faz-se preciso delinear que, considera-se nuances que apontam para uma não definição específica de família, uma vez que, poder-se-á considerar laços sanguíneos, a CF de 88, que infere sobre a necessidade de união estável entre homem e mulher para ser reconhecido como família, alguns pesquisadores consideram casais homossexuais como instituição familiar, outros consideram apenas casais que se constituem por meios legais como, por exemplo, casados no religioso e civil, dentre outras inúmeras definições (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010).

Neste sentido, conforme Oliveira e Araújo (2010, p. 3) a “[...] ampliação conceitual sobre família, o tempo permite, atualmente, a inclusão de modelos variados de família, para além daquele tradicional conhecido. [...]” ou seja, o modelo regular, seria pai, mãe e filhos, que em geral deveriam ser um menino e uma menina biológicos do casal, entretanto, há inúmeras e diversas famílias com culturas variadas, composições e orientações sexuais também.

Não se pode confundir os papéis de cada um nesse processo, reconhecer o papel social e tomar consciência de sua responsabilidade fará com que a aprendizagem do aluno de fato aconteça. Não podemos esquecer que os pais, em sua maioria, não são professores, e que, portanto, não tem a obrigação de ensinar um conteúdo, mas por sua vez devem organizar e fornecer meios para que o aluno seja o autor da própria aprendizagem e busque encontrar respostas para as dificuldades encontradas. A escola nesse sentido, precisa ser o elo entre o professor - aluno - família, a fim de viabilizar uma real interação entre eles.

É preciso ficar atento as características, pois com base em Oliveira e Araújo (2010, p. 3) “Escola e família têm suas especificidades e suas complementariedades. Embora não se possa supô-las como instituições completamente independentes, não se pode perder de vista suas fronteiras institucionais, ou seja, o domínio do objeto que as sustenta como instituições”. Desse modo, percebe-se que família e escola se distinguem, contudo são entrelaçam, quanto a instrução da criança para participação e produção crítica no meio social.

Se faz necessário compreender que em se tratando de escola e educação, a relação é estreita, mas isso difere de dependência, pois há diferença entre educação que acontece fora da escola e na escola (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010). Ainda para essas autoras “[...] A contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito é específica à aquisição do saber culturalmente organizado e às áreas distintas de conhecimento [...]” (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010, P.3). Caberia a família levar ao conhecimento da criança a língua materna, integração social e inclusão do mundo cultural, apresentar-lhe as regras morais, e não se pode negar que isso também colabora coma escola, que também aborda tais fatores.

Uma necessidade eminente é a aproximação entre família e escola, uma vez que para muitos

profissionais a escola se coloca aberta para tal, entretanto, no que tange a educação de seus filhos muitos pais se mostram desinteressados e assim delegam somente a escola a responsabilidade com a educação das crianças (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010).

Entretanto ao considerar a formação dos profissionais de educação, algumas pesquisas inferem ser função do professor, tentar essa aproximação inicial. Ao ficar a cargo da família, pode ocasionar mais distanciamento, uma vez que, muitos se sentem incapazes, devido a orientação escolar inicial que tiveram. Estes responsáveis no geral vem de uma educação tradicional, na qual o professor é o detentor de todo o saber, isso faz com que, mesmo em tempos diferentes (acredita-se que educação esteja voltada para construção conjunta de saberes), as marcas ainda os fazem ser assim (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010).

Para as autoras Oliveira e Araújo (2010, p. 4)

No enfoque sociológico a relação família-escola é vista em função de determinantes ambientes e culturais. A relação entre educação e classe social mostra um certo conflito entre as finalidades socializadoras da escola (valores coletivos) e a educação doméstica (valores individuais), ou seja, entre a organização da família e os objetivos da escola. As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares. [...] faz-se necessário, para o bom funcionamento da escola, que as famílias adotem as mesmas estratégias de socialização por elas utilizadas.

Aparenta que a escola auxilia na disseminação de que a família não caminha em consonância com os ideais dela. Esse pensamento deixa a escola cada vez mais preocupada, fazendo com que os trabalhos realizados tenham uma tendência a substituir o papel social da família. Mas é preciso considerar que a família é a referência inicial da criança, ou seja, é necessário respeitar sua função. “A partir destas colocações, vê-se que a relação família-escola esta permeada por movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada [...]” (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010. P. 4).

É preciso criar um senso de responsabilidade compartilhada, repensar o processo comunicativo entre escola e família, e acima de tudo considerar também que a criança é parte integrada desse processo. A comunicação precisa ser clara, e não uma via de mão única com termos técnicos que somente professores entendem, é preciso lembrar que nem sempre os pais dos alunos serão professores também. A escola deve expor sua forma de trabalho, o professor deve abrir espaço para o diálogo, expondo sempre os interesses e anseios da escola. Está também deve conhecer as famílias, para não dar a falsa impressão de se importar, é preciso de fato viver isso.

Abaixo apresenta-se devolutivas de um dos questionários utilizados com os responsáveis, a ideia é a de discorrer sobre a necessidade de proporcionar a eles essa abertura, dar-lhes voz, e quiçá angariar parceiros mais ativos no ensino em tempos de distanciamento social.

Devolutivas do questionário

O questionário foi elaborado no *Google Forms*, dispunha de 5 perguntas que mesclavam desde a dificuldade na resolução das atividades, metodologias a sugestões e críticas. Com relação a participação e devolutivas é importante ressaltar que todos os responsáveis responderam o questionário.

Pergunta 1(um): Com relação à dificuldade na resolução das atividades obteve-se a seguinte devolutiva, 11,5% dos respondentes de um total de 23 pesquisados afirmaram não terem encontrado nenhuma dificuldade, 42,3% disseram que a dificuldade foi mediana, 46,2% delataram que o nível foi baixo, ou seja, de acordo com o esperado, e nenhum dos pesquisados afirmou que as atividades estavam em grau de dificuldade fora do contexto.

Pergunta 2 (dois): Quanto a quantidade de tarefas por dia, visto que, buscou-se trabalhar o mais próximo do currículo (DC-GO/BNCC), entretanto ao considerar o distanciamento social tal como a necessidade de empenho maior das famílias em assistir seus filhos, houve uma atenção maior quanto a flexibilização das atividades e explicações. Neste sentido, colheu-se a seguinte devolutiva: 19.2 % dos pesquisados afirmaram que o número de atividades estava ótimo e que ainda seria possível aumentá-lo, nenhum pesquisado respondeu que o número estava baixo, uma parcela pequena, cujo *Google Forms* não conseguiu computar em porcentagem, afirmou que o número de atividades estava em excesso. E dos 23 pesquisados 76. 9% reconhece que as atividades estão médias, um número bom, e que não se pode aumentar.

Pergunta 3 (três): Sobre a metodologia, durante o mês de junho após algumas pesquisas e leituras, optou-se em planejamento por trabalhar de modo a instigar a participação mais ativa dos alunos, ou seja, o protagonismo, deste modo, buscou-se ela propostas de atividades variadas (3 por componente curricular) e o aluno teve a liberdade de optar qual gostaria de realizar, exemplo de atividades tais como: resumos, ilustrações, mapas conceituais, resenhas, verbetes, vídeos, leitura, etc, 80% dos alunos foram favoráveis a essa metodologia, para 20% que não gostaram.

A devolutiva dos 20% faz refletir sobre alguns questionamentos: Qual a dificuldade em escolher? A proposta de atividade pronta é melhor que ter opções?; O ensino tradicional já moldou o aluno a obediência?; O protagonismo ainda é uma inconstante para alguns alunos e responsáveis? A opção de escolha, o mediar é algo suplementado por teorias variadas, que nessa pesquisa se mostrou aceito pela maioria, no entanto, é preciso trabalhar bem essa concepção com família e alunos. Para Cruz (2008 p. 14) “ensinar seria lançar sementes que não sabemos se germinarão ou não, ao passo que aprender seria incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo.” Tal pensamento, ao considerar os 20% daria margem a outra pesquisa, e não cabe mergulhar na discussão aqui.

Pergunta 4 (quatro): Os responsáveis também foram questionados quanto a aulas síncronas pelo *Google Meet*, e isso surpreendeu, pois em geral dos 23 alunos, 14 entravam na aula, os demais por motivos pessoais (que não cabem nesse texto) não participavam. A devolutiva de 80 % foi favorável às aulas e apenas 20 % não gostaram. Neste momento foi percebido o quão importante se faz a interação entre os sujeitos e necessário se faz o convívio e a troca no processo de ensino e aprendizagem.

Pergunta 5 (cinco): A última pergunta foi aberta, nesta obteve-se as seguintes devolutivas: 1(uma) solicitando mais aulas síncronas; 1(uma) sugestão de ampliação do horário de entrega de atividades (que foi aceito); 9 (nove) não responderam; 1(uma) sobre as atividades (sugestão para colocar mais exercícios); 2(dois) disseram que não se aprende em casa como na escola; 1(um) relatou dificuldade na interpretação da atividades; 1(um) mencionou aulas de Educação Física; 4(quatro) disseram não ter críticas e 3(três) agradeceram pelo empenho nas aulas.

É preciso considerar pelo número de não respondentes algumas possibilidades, pode haver lacunas no processo comunicativo, falta de liberdade com o professor, não dominar recursos midiáticos, concordar totalmente com as práticas, entre outras. Seria preciso uma investigação mais profunda sobre esses aspectos, para se chegar a uma um entendimento mais preciso.

Deste modo conforme Colli e Luna (2019, p.2) é possível perceber que,

Práticas de integração família-escola elevaram [...] as habilidades e a frequência escolar dos alunos. As escolas de sucesso mostraram ser importante reconhecer e respeitar as necessidades da família, buscando ter uma relação de confiança na colaboração[...]

Tal pressuposto foi comprovado na proporção de participação das famílias, alunos e responsáveis nas

devolutivas dos questionários bem como na participação das aulas. Considerar escola e família como os principais responsáveis pela aprendizagem dos alunos além de cumprir com a legislação é agregar interação, e albergar um único beneficiado, o aluno.

Envolver as famílias na educação escolar de seus filhos é buscar estabelecer harmonia, é presar pelo contato buscando trocas recíprocas, é tentar envolver os pais no auxílio da aprendizagem das crianças, seja no trabalho para casa, nas atividades de casa, orientação de leitura, jogos, desafios, e/ou como neste caso no norteamento das aulas remotas (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2010). É ímpar mesmo em aulas regulares, elogiar e não somente falar da indisciplina, da atividade em atraso. A escola deve proporcionar essa abertura, abrir espaço para esse possível diálogo.

Planejamento, orientação, atividades e estratégias nas aulas remotas

As aulas remotas são um desafio, mas enquanto professores é preciso pensar a formação continuada sempre, a chegada de uma adversidade deve instigar o senso pesquisador do professor. Esse tempo de pandemia fez ressurgir em muitos profissionais a necessidade da pesquisa, além de ressignificar e reestruturar as formas de desenvolvimento do trabalho pedagógico.

O planejamento foi feito semanalmente no período noturno, em geral as quartas eram feitos os mapeamentos de conteúdos por Componentes Curriculares, conforme orientação do DC-GO/BNCC. Após isso no dia posterior eram elaboradas as adaptações de atividades que seriam enviadas em anexo (PDF) para os alunos. Em período vespertino eram pesquisados vídeos sobre os conteúdos, há também a gravação de vídeos explicativos, bem como gravações de áudios com orientação da execução das atividades que sempre eram seguidos de um roteiro simples por escrito. O planejamento digitalizado contendo habilidades, conteúdos (aquele enviado para coordenação) era feito entre os intervalos de correções de atividades no período da aula, desde que a mesma não fosse síncrona (7:00 às 12:00, conforme sugestão dos pais a ampliação do horário).

O atendimento ao aluno iniciava-se antes das 7:00 h da manhã, as atividades eram postadas no grupo do *whatsapp*, juntamente com orientações, vídeos e etc, se no dia a aula for assíncrona, todo o período era reservado para atendimento ao aluno por meio de: chamadas de vídeo, áudio, ligações, etc. Entretanto aconteciam também as aulas síncronas, nas quais haviam revisão de conteúdo, introdução de conceitos, palestras e etc. Vale ressaltar que, como não fora possível atingir a todos os alunos, optou-se por 1 aula síncrona por semana, com aviso prévio de dois dias, para que os responsáveis se organizassem.

Nas aulas síncronas usou-se slides e os mesmos junto à áudios explicativos eram lançados no grupo do *whatsapp* para que os alunos que não pudessem participar tivessem acesso de algum modo aos conteúdos. Os alunos se sentiam muito à vontade nas aulas e se mostravam ansiosos para que as mesmas acontecessem. Um dos exemplos dessas aulas síncronas nas quais foram envolvidos alunos do turno matutino e vespertino das turmas do 5º A e B foi a “aula palestra sobre poesia de cordel” que contou com a participação de uma aluna egressa da escola e uma escritora e aluna do Ensino Médio de Alagoas que, por meio do *Google Meet* compartilhou com os alunos um pouco da história do cordel.

Poesia é um tema lindo, porém complexo, e como todo conteúdo mais denso, ela requer uma dosagem de afetividade em meio à dinâmica da aprendizagem, é preciso mesclar aprendizagem e sabor. Sendo assim, vídeos explicativos, áudios, aulas síncronas, tudo foi utilizado na tentativa de melhor orientar os alunos.

Acerca dos objetos de conhecimentos mais complexos, ressalta-se que foi destinado um tempo maior para abordá-los, de modo que, os alunos fossem construindo suas concepções e questionando. As atividades foram flexibilizadas pensando na habilidade de cada um, pois se consideramos os estilos de aprendizagem isso se faz necessário (Ausubel, 1980).

Dentre os recursos utilizou-se o *Google Meet*, plataforma em que aconteciam nossas aulas síncronas; *Google Forms*, no qual realizou-se muitas atividades, questionários e avaliações; *Whatsapp*, no qual compartilhou-se vídeos pessoais e do *Youtube*, orientações, atividades e produções. Dos recursos didáticos, empregou-se o caderno de poemas (das Olimpíadas de Língua Portuguesa de 2019), livros didáticos que os alunos tinham em casa, livros de apoio, que quando utilizadas atividades ou orientações dos mesmos, eram enviados em arquivos de PDF.

A leitura não foi esquecida, as sextas-feiras havia o momento destinado a leitura, foram enviados livros e livretos (arquivo elaborado pela professora) em PDF para os alunos, como por exemplo: “ou isto ou aquilo de Cecília Meireles, Léo e Baleia, Poemas de Cora” e etc. Sob os quais os alunos podiam optar pelo que fazer de devolutiva (comentar em áudio, ilustrar textos, declamar poemas, recontar histórias em forma de teatro ou música, fazer desafios de leitura com familiares, etc).

Sempre que possível buscou-se trabalhar de forma interdisciplinar os Componentes Curriculares, como: Arte e Português (xilografuras); Português, História e Ens. Religioso (cordéis sobre a intolerância); Matemática e Arte (simetria); Geografia e Arte (croqui e maquete) entre outros conteúdos. Ressalta-se que os alunos foram instigados a reciclar e reutilizar objetos e materiais de suas casas, a brincar com gêneros textuais variados dentro de outros Componentes Curriculares. Permitir a inter-relação entre os conteúdos, ou ainda como diria Sommerman (2006, p.30) a “interdependência e inter-relação entre processos de diferentes ordens”, mas com semelhança nas finalidades, ou seja, nos objetivos. Trabalhar de modo interdisciplinar é levar o aluno a pensar, a construir, ou seja, ser ativo do seu processo de aprendizagem.

Conclusão

Ao pensarmos o cenário atual e considerarmos a efetivação e o desenvolvimento da educação no Brasil, pode se fazer um paralelo entre as dificuldades enfrentadas pelos professores e a morosidade com que estes profissionais têm se adaptado ao uso das tecnologias na educação. As aulas remotas evidenciam as fragilidades da formação docente, bem como o descaso com a formação continuada e a necessidade de reconhecer a importância do bom relacionamento entre família e escola.

Neste sentido o estudo de caso colocou a mostra a imperatividade em trazer a família para o meio educacional, pesquisá-los, ouvir seus anseios, sugestões assim como reconhecer a importância dos mesmos para o bom andamento das aulas remotas. Com base nas devolutivas do questionário subentende-se que, se motivados e instigados a participarem os pais e ou responsáveis o fazem, e contribuem muito para que as aulas aconteçam.

O papel da família frente ao processo de educação foi reestruturado, anteriormente as famílias acompanhavam seus filhos nas atividades de casa, neste contexto as famílias e/ou responsáveis deviam instruir e acompanhar os mesmos, contudo, em muitos casos isso não ocorria. Inúmeros alunos não realizavam atividades de casa, trabalhos etc. colocando a mostra o descompromisso de algumas famílias com a educação de seus filhos. Logicamente não se pode generalizar. Entretanto, nesse período de pandemia, o número de reclamações e pedidos de auxílio quanto ao modo de acompanhar as crianças nas atividades, expôs essa lacuna.

Muitos responsáveis pela in experiência em acompanhar seus filhos e ou por não ter a instrução (formação) para tal demanda, acabam por dar respostas prontas, ao invés de deixá-los pensar, buscar e ainda questionar o professor. Isso fez que alguns responsáveis se sentissem sobrecarregados, pois viam-se como ‘professores’ e não pais. Problema esse que, envolve também a escola, subentende-se que as mesmas, não instruem os pais para o processo de acompanhamento dos filhos independente das aulas serem presenciais e neste caso remoto.

É preciso refletir ainda que, existem livros com instruções para inúmeros assuntos: cozinhar, dirigir, estudar, ler, etc. Entretanto, com o tema: como ser pai de aluno é incomum. Deste modo, falta diálogo, e é preciso fazer uso do mesmo, para definir os papéis sociais, a exemplo de: família que

tem o papel de; educar, acompanhar, criar e aprender junto; o professor que media e ensina e o aluno que é protagonista no processo. É preciso deixar o aluno pensar, instruí-lo: e no lugar de respostas prontas, os pais podem responder com outras perguntas: como você faria? Já conversou com professor sobre isso? Tente ler novamente, sugerir registro de dúvidas, instigar a pesquisa.

Não é preciso ser o professor, a família tem outro papel e é necessário que isso seja entendido, pois, não acontecendo isso, as partes se sobrecarregam de modo desnecessário. Subentende-se que, considerando a formação pedagógica do professor, cabe a ele dinamizar, definir e orientar esses papéis, entretanto, isso deve ser feito com o acompanhamento da gestão, pois enquanto instituição, isto é, de responsabilidade dela.

Considerar os anseios da família frente ao processo educativo dos filhos em tempo de pandemia, bem como discorrer sobre os aspectos que permeiam a escola, a formação de professores, o uso de tecnologias e a educação foram os principais desígnios deste texto. Buscou-se considerar e discorrer com base em estudo de caso de uma turma de 5º ano de Escola Pública, sobre as experiências práticas pedagógicas nas aulas remotas.

Contudo não se pode desconsiderar que nas aulas remotas, independentes se são síncronas ou assíncronas, o desenvolvimento dos alunos é muito fragmentado, além do que, não dá para avaliarmos em que pés estão. Uma vez que, não se sabe quem de fato os orientava, se o nível de instrução para isso era razoável, se o tempo dedicado era o mesmo que nas aulas presenciais, e tão pouco se o comprometimento do aluno se fez considerável.

Em suma, o texto procurou refletir a respeito das aulas remotas, bem como o papel da família nessa nova forma de ensino, que deve ser entendido como participativo-ativo subsidiando as atividades planejadas pelo professor, a fim de diminuir a distância entre mediação escolar e mediação familiar, que possibilitará um melhor aproveitamento das aulas não presenciais. Espere-se com esse artigo instigar inquietações e discussões acerca da educação não presencial neste novo cenário advindo da pandemia.

Referências

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

ALVES, Washington Lair Urbano. **A história da educação no Brasil**: da descoberta à Lei de Diretrizes e Bases De 1996. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Lins- São Paulo. 2009.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ANDRADE, Selma Regina de et al. O ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA EM ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 4, e5360016, 2017. Acesso em: 28 Jun 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017005360016>.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, Dec. 2003. Acesso em: 26 Jun 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000200010>.

BRANDÃ

O, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jul. 2020.

BRASIL. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19**. D.O.U 18/03/2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 30 de junho de 2020.

COLLI, Daniel Rodriguez; LUNA, Sergio Vasconcelos de. Práticas de integração Família-Escola como Predictoras do Desempenho Escolar de Alunos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, e186361, 2019. Acesso em: 24 Jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003186361>.

CRUZ, José Marcos de Oliveira. Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1023-1042, dezembro de 2008. Disponível em

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **Educação e Sociedade**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro. 2019.

FERREIRA, Jessica Kelly Sousa. DOCÊNCIA ONLINE E DOCÊNCIA OFFLINE? NARRATIVA DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *In*: Encontro Redestrado Brasil, 10, 2019, Recife, PE. **Anais do 10º Encontro Redestrado Brasil Autonomia do Trabalho Docente: caminhos para sua organização político-pedagógica**. Recife: Rede Estrado, 2019. p.2501 ISSN : 2219685-4 1. Educação, Docente, Brasil. 2. Rede Estrado, Brasil. I. Título CDU: 378.12 (81) Disponível em: <http://redeestrado.org/wp-content/uploads/2019/06/Anais-Redestrado-2019.pdf>. -. Acesso em: 15 de

jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

Moreira, D & Barros, D. (2020) **Orientações práticas para a comunicação síncrona e assíncrona em contextos educativos digitais**. Repositório Aberto. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/9661>. Acesso em 30 de junho de 2020.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; ARAÚJO, Claisy Maria MARINHO. A relação família-escola:: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p. 99-108, 2010. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103.166X2010000100012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 5 ago. 2020.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes**. São Paulo: Paulus, 2006.

SILVA, Aline Almeida da; SOUZA, Kátia Reis de. **Educação, Pesquisa Participante e Saúde**: As Ideias De Carlos Rodrigues Brandão. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12 n. 3, p. 519-539, set./dez. 2014

*Pesquisadora pelo GEFOP/UEG, Pedagoga, pós graduada em: Docência Universitária, Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação, Arte e Cultura. E-mail: naybrunio@gmail.com.

*Pesquisadora pelo GEFOP/UEG, Pedagoga, pós graduada em: Docência Universitária, Psicopedagogia. E-mail: anap14arantes@gmail.com.

***Pesquisadora pelo GEFOP/UEG, Pedagoga, pós graduada em: Docência Universitária, Ensino de Humanidades. E-mail: yonarakarolliny@gmail.com.